

PAULO LINS
CIDADE DE DEUS

TUSQUETS
EDITORES

TUSQUETS
EDITORES

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

Sumário

11 A HISTÓRIA DE INFERNINHO

169 A HISTÓRIA DE PARDALZINHO

290 A HISTÓRIA DE ZÉ MIUDO

TUSQUETS
EDITORES

1. A história de inferninho

Segundos depois de terem saído daquele casarão mal-assombrado, Barbantinho e Busca-Pé fumavam um baseado à beira do rio, na altura do bosque de Eucaliptos. Completamente calados, entreolhavam-se apenas quando um passava o baseado para o outro. Barbantinho imaginava-se em braçadas por detrás da arrebentação. Poderia parar agora, ficar boiando, sentindo a água brincar em seu corpo. Espumas dissolveram-se no rosto, e o olhar nos trajetos dos pássaros, enquanto se recuperava para voltar. Evitaria as valas para não ser arrastado pela correnteza, nem ficaria por muito tempo naquela água gelada para não arrumar uma câibra. Sentia-se um salva-vidas. Salvaria quantas vidas fosse necessário naquele dia de praia lotada e, depois do expediente, voltaria para casa correndo; não seria como esses salva-vidas que não fazem exercícios físicos e acabam por deixar o mar levar as pessoas. O certo era malhar sempre, alimentar-se bem, nadar o máximo possível.

Nuvens jogavam pingos sobre as casas, no bosque e no campo que se esticava até o horizonte. Busca-Pé sentia o sibilar do vento nas folhas dos eucaliptos. À direita, os prédios da Barra da Tijuca, mesmo de longe, mostravam-se gigantescos. Os picos das montanhas eram aniquilados pelas nuvens baixas. Daquela distância, os blocos de apartamentos onde morava, à esquerda, eram mudos, porém parecia escutar os rádios sintonizados em programas destinados às donas de casa, a cachorrada latindo, a correria das crianças pelas escadas. Repousou o olhar no leito do rio, que se abria em circunferências por toda a sua extensão às gotas de chuva fina, e suas íris, num zoom de castanhos, lhe trouxeram

flashbacks: o rio limpo; o goiabal, que, decepado, cedera lugar aos novos blocos de apartamentos; algumas praças, agora tomadas por casas; os pés de jamelão assassinados, assim como a figueira mal-assombrada e as mamoneiras; o casarão abandonado que tinha piscina e os campos do Paúra e do Baluarte – onde jogara bola defendendo o dente de leite do Oberom – deram lugar às fábricas. Lembrou-se, ainda, daquela vez que fora apanhar bambu para a festa junina do seu prédio e teve de sair voado porque o caseiro do sítio soltara os cachorros em cima da meninada. Recordou a pera-uva-maçã, o pique-esconde, o pega-varetas, o autorama que nunca tivera e as horas em que ficava nos galhos das amendoeiras vendo a boiada passar. Remontou aquele dia em que seu irmão ralou o corpo todo quando caiu da bicicleta no Barro Vermelho, e como eram belos os domingos em que ia à missa e ficava até mais tarde na igreja participando das atividades do grupo jovem, depois o cinema, o parque de diversões... Recordou os ensaios do orfeão Santa Cecília de seus tempos de escola com alegria, subitamente desfeita, porém, no momento em que as águas do rio revelaram-lhe imagens do tempo em que vendia pão, picolé, fazia carreto na feira, no mercado Leão e no Três Poderes; catava garrafas, descascava fios de cobre para vender no ferro-velho e dar um dinheirinho à sua mãe. Doeu pensar na mosquitada que sugava seu sangue deixando os caroços para despelarem-se em unhas, e no chão de valas abertas onde arrastara a bunda durante a primeira e a segunda infância. Era infeliz e não sabia. Resignava-se em seu silêncio com o fato de o rico ir para o exterior tirar onda, enquanto o pobre vai pra vala, pra cadeia, pra puta que o pariu. Certificava-se de que as laranjadas aguadas-açucaradas que bebera durante toda a sua infância não eram tão gostosas assim. Tentou se lembrar das alegrias pueris que morreram, uma a uma, a cada topada que dera na realidade, em cada dia de fome que ficara para trás. Recordou-se de dona Marília, de dona Sônia e das outras professoras do curso primário dizendo que, se estudasse direito, seria valorizado no futuro, porém estava ali desiludido com a possibilidade de conseguir emprego para poder levar seus estudos adiante, comprar sua própria roupa, ter uma grana para sair com a namorada e pagar um curso de fotografia. Bem que as coisas poderiam ser como as professoras afirmavam, pois se tudo corresse bem, se arranjasse um emprego, logo, logo, compraria uma máquina e uma porrada de lentes. Sairia fotografando tudo o que lhe pa-

recesse interessante. Um dia ganharia um prêmio. A voz de sua mãe chicoteou sua mente:

— Esse negócio de fotografia é pra quem já tem dinheiro! Você tem é que entrar pra Aeronáutica... Marinha, até mesmo pro Exército, pra ter um futuro garantido. Militar é que tá com dinheiro! Não sei o que você tem na cabeça, não!

Busca-Pé despertou o olhar, focou a Igreja de Nossa Senhora da Pena no alto do morro, teve vontade de ir ao padre Júlio pedir de volta, numa bolsa de mercado, os pecados confessados para refazê-los com a alma largada em cada esquina do mundo que o cercava. Um dia aceitaria um daqueles tantos convites para assaltar ônibus, padaria, táxi, qualquer porra... Recebeu o baseado da mão do amigo. O ultimato da namorada lhe dando o aviso de que iria acabar o namoro caso ele não parasse de fumar maconha ressuscitou em seus ouvidos. “Que se dane! A pior coisa do mundo deve ser se casar com uma mulher careta. Fumar maconha não é coisa só de bandido, se fosse assim os cantores de rock não fumariam maconha. Jimmy Hendrix era a maior doideira! E os hippies? Os hippies eram todos lunáticos de tanto fumar maconha.” Achava que Tim Maia, Caetano, Gil, Jorge Ben, Big-Boy etc. eram todos chinceiros. “Aquele maluco do Raul Seixas nem se fala: ‘Quem não tem colírio usa óculos escuros!’” Fumar maconha não significava que iria sair por aí metendo bronca. Não gostava dos caretas, o pior é que eles estavam em todos os lugares sacando se seus olhos estavam vermelhos, se estava rindo à toa. Quando discutia com algum careta sobre maconha dizia, para finalizar a discussão, que a maconha era a luz da vida: dava sede, fome e sono!

— Vamo fumar mais um?

— Hã-ram! — concordou Barbantinho.

Busca-Pé fez questão de apertar o baseado, gostava de executar essa tarefa, os amigos sempre o elogiavam. O baseado ficava durinho como um cigarro sem precisar gastar muito papel. Ele mesmo o acendeu, deu dois catrancos e passou para o parceiro.

Em dias de chuva, as horas passam despercebidas para quem está ao deus-dará. Busca-Pé mecanicamente verificou a hora, constatou que estava atrasado para a aula de datilografia, mas que se foda, já tinha perdido um montão de aulas, mais uma não ia alterar nada. Não estava mesmo com saco para ficar batendo à máquina por uma hora e não ia também ao

colégio. “A soma dos quadrados dos catetos é igual ao quadrado da hipotenusa é o caralho.” Estava era muito puto com a vida. Prendeu um choro, levantou-se, esticou-se para aliviar a dor de ter estado muito tempo na mesma posição, já ia perguntar ao amigo se estava a fim de descolar mais um trouxa, quando notou que a água do rio encarnara. A vermelhidão precedera um corpo humano morto. O cinza daquele dia intensificou-se de maneira apreensiva. Vermelhidão esparramando-se na correnteza, mais um cadáver. As nuvens apagaram as montanhas por completo. Vermelhidão, outro presunto brotou na curva do rio. A chuva fina virou tempestade. Vermelhidão, novamente seguida de defunto. Sangue diluindo-se em água podre acompanhado de mais um corpo trajando calça Lee, tênis Adidas e sanguessugas sugando o líquido encarnado e ainda quente.

Busca-Pé e Barbantinho foram para casa em passos obtusos. Era a guerra que navegava em sua primeira premissa. A que se fez a soberana de todas as horas vinha para levar qualquer um que marcasse bobeira, lançar chumbo quente em crânios párvulos, obrigar bala perdida a se achar em corpos inocentes e fazer Zé Bonito correr, com o diabo do seu coração batendo forte, pela rua lá da Frente, levando uma tocha de fogo nas mãos para incendiar a casa do assassino de seu irmão.

Busca-Pé chegou em casa com medo do vento, da rua, da chuva, do seu skate, do mais simples objeto, tudo lhe parecia perigoso. Ajoelhou-se diante da cama, jogou a cabeça no colchão, as mãos sobre ela, e numa súplica infinita pediu a Exu que fosse lá avisar a Oxalá que um dos seus filhos tinha a sensação de estar desesperado para sempre.

Antigamente a vida era outra aqui neste lugar onde o rio, dando areia, cobra-d'água inocente, e indo ao mar, dividia o campo em que os filhos de portugueses e da escravatura pisaram.

Couro de pé roçando pele de flor, mangas engordando, bambuzais rebentando vento, uma lagoa, um lago, um laguinho, amendoeiras, pés de jamelão e o bosque de Eucaliptos. Tudo isso do lado de lá. Do lado de cá, os morrinhos, casarões mal-assombrados, as hortas de Portugal Pequeno e boiada pra lá e pra cá na paz de quem não sabe da morte.

Em diagonal, os braços do rio, desprendidos lá pela Taquara, cortavam o campo: o direito, ao meio; o esquerdo, que hoje separa Os Apês das casas e sobre o qual está a ponte por onde escoo o tráfego da principal rua do bairro, na parte de baixo. E, como o bom braço ao rio volta, o rio, totalmente abraçado, ia ziguezagueando água, esse forasteiro que viaja parado, levando íris soltas em seu leito, deixando o coração bater em pedras, doando mililitros para os corpos que o ousaram, para as bocas que morderam seu dorso. Ria o rio, mas Busca-Pé bem sabia que todo rio nasce para morrer um dia.

Um dia essas terras foram cobertas de verde com carro de boi desafiando estradas de terra, gargantas de negros cantando samba duro, escavação de poços de água salobra, legumes e verduras enchendo caminhões, cobra alisando o mato, redes armadas nas águas. Aos domingos, jogo de futebol no campo do Paúra e bebedeira de vinho sob a luz das noites cheias.

— Bom dia, Zé das Alfaces! — dissera seu Manoel das Couves num momento de aurora. Porém o das Alfaces nada respondera, apenas olhara os primeiros voos das garças ao som do canto dos galos e do mugir da boiada.

Os dois filhos de portugueses tratavam das hortas de Portugal Pequeno nas terras herdadas. Sabiam que aquela região seria destinada à construção de um conjunto habitacional, mas não que as obras estavam para começar em tão pouco tempo. Trabalharam como em todos os dias, das cinco da manhã até as três da tarde, falaram de nada, riram de tudo, assobiaram fados impossíveis, amaram as formas de vento, almoçaram juntos, juntos ouviram os homens daquele carro de chapa branca, em primeira marcha, dizer:

— Nas terras dos senhores, edificaremos um novo lugar.

“Vem, bom vento! Inventa outro riso em meu rosto!”, pensaria, mais tarde, seu Zé das Alfices. “Um outro vento, sem pátria ou compaixão, levou-me o riso que este chão me deu, este chão em que chegaram uns homens com botas e ferramentas medindo tudo, marcando a terra... Depois vieram as máquinas arrasando as hortas de Portugal Pequeno, espantando os espantalhos, guilhotinando as árvores, aterrando o charco, secando a fonte, e isso aqui virou um deserto. Sobraram o bosque, as árvores do Outro Lado do Rio, os casarões mal-assombrados, a boiada que nada sabe da morte e a tristeza nos rastros de uma era nova.”

Cidade de Deus deu a sua voz para as assombrações dos casarões abandonados, escasseou a fauna e a flora, remapeou Portugal Pequeno e renomeou o charco: Lá em Cima, Lá na Frente, Lá Embaixo, Lá do Outro Lado do Rio e Os Apês.

Ainda hoje, o céu azul e estrelece o mundo, as matas enverdecem a terra, as nuvens clareiam as vistas e o homem inova avermelhando o rio. Aqui agora uma favela, a neofavela de cimento, armada de becos-bocas, sinistros-silêncios, com gritos-desesperos no correr das vielas e na indecisão das encruzilhadas.

Os novos moradores levaram lixo, latas, cães vira-latas, exus e pombagiras em guias intocáveis, dias para se ir à luta, soco antigo para ser descontado, restos de raiva de tiros, noites para velar cadáveres, resquícios de enchentes, biroschas, feiras de quartas-feiras e de domingos, vermes velhos em barrigas infantis, revólveres, orixás enroscados em pescoços, frango de despacho, samba de enredo e sincopado, jogo do bicho, fome, traição, mortes, jesus cristos em cordões arrebetados, forró quente para

ser dançado, lamparina de azeite para iluminar o santo, fogareiros, pobreza para querer enriquecer, olhos para nunca ver, nunca dizer, nunca olhos e peito para encarar a vida, despistar a morte, rejuvenescer a raiva, ensanguentar destinos, fazer a guerra e para ser tatuado. Foram atiradeiras, revistas *Sétimo Céu*, panos de chão ultrapassados, ventres abertos, dentes cariados, catacumbas incrustadas nos cérebros, cemitérios clandestinos, peixeiros, padeiros, missa de sétimo dia, pau para matar a cobra e ser mostrado, a percepção do fato antes do ato, gonorreias mal curadas, as pernas para esperar ônibus, as mãos para o trabalho pesado, lápis para as escolas públicas, coragem para virar a esquina e a sorte para o jogo de azar. Levaram também as pipas, lombo para polícia bater, moedas para jogar porrinha e força para tentar viver. Transportaram também o amor para dignificar a morte e fazer calar as horas mudas.

Por dia, durante uma semana, chegavam de trinta a cinquenta mudanças do pessoal que trazia no rosto e nos móveis as marcas das enchentes. Estiveram alojados no estádio de futebol Mario Filho e vinham em caminhões estaduais cantando:

*Cidade Maravilhosa
cheia de encantos mil...*

Em seguida, moradores de várias favelas e da Baixada Fluminense habitavam o novo bairro, formado por casinhas enfileiradas brancas, rosa e azuis. Do outro lado do braço esquerdo do rio, construíram Os Apês, conjunto de prédios de apartamentos de um e dois quartos, alguns com vinte e outros com quarenta apartamentos, mas todos com cinco andares. Os tons vermelhos do barro batido viam novos pés no corre-corre da vida, na disparada de um destino a ser cumprido. O rio, a alegria da molecada, dava prazer, areia, rã e muçum, não estava de todo poluído.

— Olha o saco de jamelão que eu trouxe!

— Já panhei manga, jabuticaba, agora vou panhar cana Lá do Outro Lado do Rio!

As crianças descobriam e se descobriam na bola de gude:

— Marraio, feridor sou rei!

- Tudo!
- Em cima dos quatro!
- Alti!
- Limpa aí!
- Buliu, morreu!
- Caí de palmo no tri!
- Bate corra aí!
- O jogo é duro!

No voo da pipa:

- Não vai não, que tá com menas.
- Vou tentar embolar.
- Que nada! Pega rabiola e linha.
- Não dá, meu cerol tá grosso.
- Você tem que arrastar.
- Vou sair suspendendo.
- Ele vai te levantar.
- Foi!

No jogo de carniça:

- Simples que a carniça é nova!
- Simples!
- Eu dou e todo mundo dá!
- Eu dou e ninguém dá!
- Pular muro do cemitério!
- Cemitério pegou fogo!
- Cada macaco no seu galho!
- Mandar carta pra namorada.
- Acabou a tinta!
- Fique onde está!
- Simples que a carniça é nova.
- Simples!

Achavam-se no pique-esconde, no pique-bandeira, no garrafão e faziam guerra de mamona pelo Outro Lado do Rio, mergulhavam no lagui-nho, brincavam de barquinho, viagem ao fundo do mar. Entravam pelo campo, disputavam o chão com as cobras, os sapos e os preás.

- Topa ir lá no Barro Vermelho? — chamou Busca-Pé.
- Onde é? — indagou Barbantinho segurando um balde d'água.

— Lá donde tu veio, pertinho da biquinha. A gente sobe lá em cima do morro e desce correndo que nem filme de banguê-banguê.

— Eu topo!

Saíram por detrás dos Apês. Convidaram alguns dos seus amigos. O irmão do Busca-Pé, vendo as crianças se organizarem para uma nova aventura, pensou em guardar a bicicleta para acompanhá-los, mas por insistência dos colegas resolveu levá-la. Atravessaram um matagal, onde mais tarde seriam construídos novos blocos de apartamentos, e depararam com o braço esquerdo do rio.

— Vou mergulhar! — afirmou Barbantinho.

— Vamo logo lá no Barro Vermelho, depois a gente nada! — sugeriu Busca-Pé.

— É melhor tomar banho agora, porque a nossa roupa seca e nossa mãe não vai saber que nós tomou banho no rio — argumentou Barbantinho.

— Tá com medo da mamãezinha? — inquiriu Busca-Pé.

Barbantinho, sem dar ouvidos, jogou-se n'água; seus amigos fizeram o mesmo. Iam até certo ponto andando e voltavam nadando a favor da correnteza. Barbantinho não saía do rio, nadava contra e a favor. Brincaram de dar caldo, submarino americano e de Capitão Furacão. A manhã alcançava a sua última hora, invadia os galhos das goiabeiras e trazia em seu bojo um vento terreal que levava uma a uma as nuvens de chuva. Os canários-da-terra cantavam.

Foi como se tivessem mudado para uma grande fazenda.

Além de comprarem leite fresco, arrancarem hortaliças na horta e colherem frutas no campo, ainda podiam andar a cavalo pelos morrinhos da Estrada do Gabinal. Detestavam a noite, porque ainda não havia rede elétrica e as mães proibiam as brincadeiras de rua depois que escurecia. Pela manhã, sim, era legal: pescavam barrigudinhos, caçavam preás, jogavam bola, matavam pardal para comer com farofa, invadiam os casarões mal-assombrados.

— Vamo logo lá no Barro Vermelho! — insistiu o irmão de Busca-Pé já em cima da bicicleta.

Não foram pela rua Moisés, poderiam encontrar a mãe de algum deles apanhando água na biquinha; passaram por detrás das casas e com dificuldade subiram o monte.

O Barro Vermelho fora mutilado por pás mecânicas e tratores, por ocasião da construção das casas e dos primeiros blocos de apartamentos. O barro tirado do monte serviu para aterrar parte do charco e para o emboço das primeiras moradias. Quando era perfeito, o monte terminava bem próximo à margem do rio. Hoje, termina num dos limites do conjunto, onde estão algumas das casas de triagem, na rua que liga os blocos de apartamentos à praça principal do conjunto. De lá de cima dava para ver a lagoa, o lago, o laguinho, o rio e seus dois braços, a igreja, o mercado Leão, o clube, o Lazer, as duas escolas e o jardim de infância. O posto médico também dava para se distinguir daquela distância.

— Vou descer de bicicleta! — anunciou o irmão de Busca-Pé.

— Tá maluco? Não tá vendo que tu vai se estabacar lá embaixo?! — previu Barbantinho.

— Que nada, rapá, sou piloto!

Montou na bicicleta, inclinou o tronco para o guidom e largou-se morrinho abaixo. A uma certa distância apertou o freio de trás, colocou um dos pés no chão e rodopiou a bicicleta. Os amigos aplaudiram e gritaram:

— Maneiro, maneiro!

Repetiu a façanha várias vezes para delírio dos espectadores.

Seus olhos lacrimejavam devido à velocidade, mas não desistiu de bancar o piloto. Tamanha foi sua empolgação que desceu novamente, aumentando a velocidade com dez pedaladas. Não prestou: passou num buraco, perdeu a direção e foi perna para o alto, nariz ensanguentado, corpo ralando no barro, poeira entrando nos olhos... Mas o assunto aqui é o crime, eu vim aqui por isso...

Poesia, minha tia, ilumine as certezas dos homens e os tons de minhas palavras. É que arrisco a prosa mesmo com balas atravessando os fonemas. É o verbo, aquele que é maior que o seu tamanho, que diz, faz e acontece. Aqui ele cambaleia baleado. Dito por bocas sem dentes nos conchavos de becos, nas decisões de morte. A areia move-se nos fundos dos mares. A ausência de sol escurece mesmo as matas. O líquido-morango do sorvete mela as mãos. A palavra nasce no pensamento, desprende-se dos lábios adquirindo alma nos ouvidos, e às vezes essa magia sonora não salta à boca porque é engolida a seco. Massacrada no estômago com arroz e feijão a quase-palavra é defecada em vez de falada.

Falha a fala. Fala a bala.